

# Histórias, memórias, lugares: Seu Maneca e a comunidade do casqueiro em São Francisco do Sul – SC

Neiva de Assis<sup>1</sup>  
Andrea Vieira Zanella<sup>2</sup>  
Levon Boligian<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho investigou a produção social de memórias sobre o lugar por meio da narrativa oral, visual e escrita de um antigo morador de uma comunidade extinta localizada em uma área de proteção ambiental no município de São Francisco do Sul- SC. A investigação de cunho etnográfico colecionou objetos, fragmentos de memória e da história da comunidade do Casqueiro, narrados por Manoel Rafael Vieira. As análises da pesquisa pautaram-se nas discussões sobre a produção social da memória e da importância da investigação das memórias invisibilizadas, por meio das narrativas de personagens anônimos, como forma de restituí-las e de valorizar o sentimento de pertencimento ao lugar.

**Palavra-Chave:** memória, literatura, histórias de vida, lugar

## Stories, memories, places:

### *Maneca and the Casqueiro community in São Francisco do Sul - SC*

**Abstract:** This work investigates the social production of memories about place through oral, visual and writing narratives of a former resident of an extinct community located in an environmental protection area in the city of São Francisco do Sul, SC. The ethnographic investigation collected objects, memory fragments of the Casqueiro community and of the history of that place, narrated by Manoel Rafael Vieira. The analyses were carried out through discussions about memory social production, underlining the importance of researches that assume invisibilized memories as the focus of investigation, with the valorization of narratives of anonymous characters as a way of restituting the memory and valuing the belonging to the place.

**Key-Words:** memory, literature, life history, place

---

<sup>1</sup> Professora de Psicologia no Instituto Federal Catarinense - Campus São Francisco do Sul. Doutorado em Psicologia (PPGP/UFSC) com bolsa estágio doutoral no exterior junto a La Sapienza - Università di Roma.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFSC); bolsista em produtividade do CNPq.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFSC); bolsista em produtividade do CNPq.

Textura	Canoas	v. 19 n.39	p. 92-111	jan./abr. 2017
---------	--------	------------	-----------	----------------

## COMEÇO DE PROSA

O presente trabalho tem como foco as memórias produzidas por um antigo morador de uma comunidade extinta, localizada na área de proteção ambiental denominada Parque Ambiental do Acaraí no município de São Francisco do Sul-SC. Essa investigação é parte integrante da pesquisa de doutorado da primeira autora, sob orientação da segunda, que teve como objetivo investigar relações entretecidas entre a cidade reconhecida como patrimônio cultural e seus moradores (ASSIS, 2016). Objetivamos com o trabalho aqui apresentado visibilizar as possibilidades de produção de memórias sobre o lugar por meio da análise das narrativas oral, fotográfica e escrita (poesia) desse morador, Manoel Rafael Vieira.

É importante considerar que o município de São Francisco do Sul - SC, *locus* desta investigação, tem seu centro histórico reconhecido como patrimônio cultural em nível nacional desde 1987 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em função de seu conjunto urbano paisagístico vinculado à tradição colonial portuguesa (ASSIS, 2016). Discursos sobre o patrimônio de características europeias têm visibilidade e ecoam em diferentes esferas, o que não acontece com outras memórias que se apresentam como meros ruídos na tessitura da cidade. O estudo direciona-se, portanto, à temática das relações sociais e dos contextos históricos na produção subjetiva e aos processos de produção destas memórias outras engendradas em São Francisco do Sul. (SENNETT, 2010; SAWAIA, 1995; BAPTISTA e FERREIRA, 2012).

Distanciamos-nos, em nossas investigações, de compreensões de caráter positivista, mecanicista e centradas no indivíduo, assim como daquelas que afirmam ser a memória uma faculdade mental abstraída das relações sociais que a produzem, responsável pelos processos cognitivos e de aprendizagem (SMOLKA, 2000; GAGNEBIN, 2014). Alicerçamos nossas discussões nos aportes teóricos de Vygotski (1992) e do Círculo de Bakhtin (2011), autores que apresentam importantes considerações para investigações no campo da memória ao abordarem os processos de mediação semiótica do psiquismo humano e a constituição de sentidos. Os processos humanos têm, para esses autores, os signos social e historicamente produzidos como mediadores, o que constitui a cada pessoa como inexoravelmente amalgamada ao contexto do qual participa. Os signos permitem a inserção do homem na ordem da cultura e o estabelecimento de relações qualitativamente diferenciadas com a realidade: ao invés de diretas e imediatas, estas são mediadas pela cultura (BARROS, 2012). Processos psicológicos como percepção, atenção, pensamento e

memória são, por conseguinte, semioticamente mediados, e com essa condição, social e historicamente produzidos. Com base nessa perspectiva, podemos afirmar que a produção da memória resulta da ação coletiva de manter histórias, de refazer, reconstruir lembranças que ajudam os homens a retomarem o passado e também a não se esquecerem do futuro (BOSI, 2001). Mas trata-se de um processo que, ao mesmo tempo em que visibiliza histórias, invisibiliza várias outras, relegando-as ao esquecimento, à condição de meros restos na complexa trama que constitui os lugares.

Memórias são fundamentais para as relações que as pessoas estabelecem com o espaço onde vivem. São suporte para a produção do sujeito e de sentimentos de pertencimentos. Portanto, se estas produções são atravessadas pela consideração de uma herança e pela preservação de um patrimônio sócio-histórico, e se a capacidade de recordar, preservar e perpetuar o passado faz parte de um sentimento de pertencimento, este último encontra local de expressão privilegiada nos “lugares de memória” (LE BOSSÉ, 2004, p. 168). Neste estudo, assim entendemos o Casqueiro, como um lugar de memória, que pode ser restituído por meio da narrativa de Seu Maneca.

O interesse pela temática iniciou em 2010, com a instalação do Instituto Federal Catarinense no município que faz parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – Ministério da Educação e Cultura, por meio da Lei Federal nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. A necessidade de dois professores de áreas do conhecimento distintas (geografia e psicologia), recém-chegados àquela cidade, conhecerem o contexto cultural onde iniciavam suas atividades docentes mobilizou-os ao encontro com seus moradores e à escuta de suas memórias.

Dentre diversas histórias e produções culturais que coexistiam com o patrimônio paisagístico protegido pelo IPHAN, chamaram a atenção vestígios de histórias sobre uma comunidade denominada Casqueiro cujas ruínas se mantinham presentes dentro do Parque Estadual do Acaraí. Esta área de preservação foi criada por Decreto de Lei Estadual nº 3.517, de 2005 e é composta por uma área total de 6.667 hectares.

A curiosidade inicial por relatos quase fantasiosos sobre um cemitério em meio à mata, narrados por moradores que teriam vivido em torno da lagoa e que posteriormente acabaram abandonando o lugar, levou-nos a desenvolver um percurso teórico-metodológico de pesquisa que contou com as contribuições da etnografia, alguns apontamentos da geografia cultural e da psicologia histórico-cultural, dentre outros.

O trabalho da etnografia possibilitou compreender que, nas pequenas cenas, nos atos observados, nas poesias declamadas, pulsavam sentidos que mereciam uma descrição atenta, um estudo cuidadoso (CLIFFORD, 2002). Sob o ponto de vista da etnografia, pesquisar é “como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (GEERTZ, 1989, p. 20). Podemos considerar, portanto, que, na pesquisa realizada, nos propomos justamente a compreender as elipses, escutar os silêncios, perscrutar diferentes sentidos que emergiram dos e nos encontros com Seu Manoel, com as memórias e com a história da cidade. As análises estiveram atentas à dialogia desses encontros, ou seja, às tensões entre variadas vozes sociais (BAKHTIN, 2003) que compõem o terreno fértil das relações com um outro. Buscamos desse modo, que uma visão de dentro fosse traduzida, tornando-se inteligível justamente em função do compartilhamento de experiências, saberes e contextos (PADIGLIONE, 2010).

### **NOTAS SOBRE O LUGAR**

O percurso etnográfico ocorreu entre 2014 e 2016. Iniciou com uma conversa no escritório da FATMA - órgão ambiental da esfera estadual do Governo de Santa Catarina responsável pela preservação dos recursos naturais do estado - e foi seguido de visitas ao Parque Estadual do Acaraí, conversa com Seu Manoel, visitas ao Museu Histórico da cidade e contato com a produção científica pertinente. As visitas ao parque ambiental, ponto de partida da pesquisa de campo, aconteceu sob a companhia e orientação de Bruno Henrique Pesserl, biólogo da FATMA, que explicou que se tratava de um parque com uma paisagem complexa:

A vegetação aqui, a gente tá vendo vegetação de Mata Atlântica de terras baixas. Olha bem, é uma vegetação de oito, dez metros de altura. A gente tá andando aqui, nós estamos a um quilômetro do mar. Logo ali pra frente já tem a restinga arbórea, depois tem a restinga arbustiva e depois uma restinga brasileira. Não tem mais isso em Santa Catarina. Em um quilômetro de trilha você tem quatro tipos de vegetação diferente (Bruno, biólogo).



Figura 1: Parque Estadual do Acaraí (Fonte: Arquivo pessoal).

Nesta caminhada em meio à mata à margem do rio Acaraí (Figura 1), observamos vestígios dos povos sambaquianos, os sambaquis (Figura 2). Trata-se de sítios arqueológicos caracterizados por um material composto, em sua maioria, por conchas – por isso o nome sambaqui, que, em *tupi*, significa “monte de conchas” (*tamba ki*) (MASJ, 2015). É formado por metros e metros de camadas de conchas; por isso, o nome de Casqueiro foi dado à comunidade que viveu ali até aproximadamente 1950, quando a região portuária se desenvolveu. Assim se referiu Bruno, biólogo, à presença dos sambaquis no parque:

- Lembra que eu te mostrei que os sambaquis ficavam distantes do rio hoje, naquele mapa do sambaqui no Google Earth? Eles ficam distantes porque tem a lagoa, que com o nível do mar fica mais alta. Isso aqui é um sambaqui – apontando para a terra. Provavelmente o limite da lagoa era aqui em alguma época, alguns milhares de anos. Era aqui, e você consegue estimar até a altitude que era esse nível do mar pelas camadas do sambaqui – complementou Bruno.
- Mas o que que indica vestígio de uma população? – perguntou Neiva.
- As conchas. Essas conchas aqui foram todas comidas. Isso aqui é concha de berbigão. A maioria é berbigão e ostra. Não são

comuns aqui perto da lagoa, não nesse ambiente. Isso aí é característico de ambiente marinho. Elas não teriam...(Bruno).  
– Não teriam porque tá aqui... Ah! Agora eu entendi. Porque eu achei que teria vestígio de ferramenta no meio (Neiva).  
– Tem também. Mas aí tem escavações e nós não temos ninguém. O Museu do Sambaqui fez uns levantamentos aqui. É uma das maiores concentrações de Sambaqui (Bruno).



*Figura 2:* Sambaqui no Parque Estadual do Acaraí (Fonte: Arquivo pessoal).

Existem registros de cerca de 150 sítios arqueológicos do tipo sambaquis na região da Baía da Babitonga, com datações que conferem, a alguns deles, cerca de seis mil anos de idade. Esses sambaquis e os pescadores-caçadores-coletores que os construíram são o foco do acervo e do trabalho do Museu Arqueológico do Sambaqui em Joinville. O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville foi criado em 1972, com a Lei Municipal n.º 1042, em cooperação técnica com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), a partir de uma coleção arqueológica de Guilherme Tiburtius – estudioso de sambaquis, que registrou, coletou e classificou diversos artefatos e sepultamentos de sítios que estavam sendo destruídos na região.

No Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) o visitante entra em contato com o modo de vida e a cultura das

primeiras populações que se distribuíram pela América do Sul. É um espaço de memória e de produção de conhecimento sobre estas populações, especialmente, pelos grupos pescadores-caçadores-coletores que construíram os sambaquis

Com base em uma arqueologia que destaca a diversidade dos seres humanos e culturas do passado e em fontes históricas, Bandeira (2004) fez um estudo sobre os sambaquis na região e apontou, entre outros aspectos, que a história foi contada a partir da chegada do imigrante europeu, ignorando-se o fato de que existiam outros povos (BANDEIRA, 2004, p. 7). As conchas dos sambaquis foram posteriormente utilizadas para um tipo de queima no próprio local para produzir cal utilizado na construção civil.

Porque para produzir cal não pode ter oxigênio, tem que abafar. Como faz lenha basicamente. Então eles faziam um estrado de madeira sobre, tiravam as conchas, faziam uma pilha grande, envolvia aquilo em barro. Daí fazia um estrado de madeira e ramos e aí cobria com barro novamente. Queimavam aquilo, e aí cobriam com madeira de novo e deixavam vários dias queimando (Bruno, biólogo).

Essa destruição de sambaquis para a extração de conchas e produção de cal foi intensa até 1961, quando se definiu os sambaquis como patrimônios históricos e culturais, por meio da Lei nº 3924/61, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, art 3º:

São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas b, c e d do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas (BRASIL, 1961).

Eram, portanto, tempos diversos que se encontravam naquele local: os rastros dos sambaquis, as ruínas da comunidade do Casqueiro e a presença de profissionais da FATMA e do Museu do Sambaqui que buscam escavar, nesses rastros e ruínas, testemunhos das vidas que por ali passaram. Se os sambaquis se apresentam como vestígios de populações que viveram naquele local muito tempo atrás, o que requer um trabalho arqueológico que possibilite reconstruir suas características e modos de vida, as ruínas da comunidade do Casqueiro anunciam presenças em tempos mais recentes. Por que deixaram o local? Para onde foram? O que os levou a se moverem?

Eles simplesmente se mudaram pro lado de lá da lagoa. Lá é o local mais próximo do porto. Você estando no rio, lá o local é mais perto do porto. Fica acho que 8 km de distância do porto. Então as pessoas começaram lentamente a se mudar daqui pra lá pra poderem ir trabalhar todo dia no porto, uma nova oportunidade (Bruno, biólogo).

Conhecer a experiência de quem viveu naquele lugar, naquela comunidade para compreender os rastros de memórias dos quais se ouvia falar na cidade se apresentava como possível. Muitos moradores faleceram, outros mudaram-se de cidade, mas havia Seu Maneca, mencionado por Bruno, memória viva da comunidade do Casqueiro que poderia contribuir com a pesquisa. Localizamos Seu Maneca por meio da filha que trabalhava no serviço público municipal, e foi então que tivemos acesso à história do lugar.

## **MEMÓRIA E PERTENCIMENTO**

Manoel Rafael Ferreira, ex-morador do Casqueiro, conhecido como Seu Maneca, era um senhor de 70 anos com muitas histórias para contar sobre esse lugar. Em frente ao seu bar, na Praia da Enseada, sentados embaixo de uma árvore e tendo como pano de fundo a bela paisagem do encontro da areia com o mar, permanecemos por mais de uma hora (Figura 3).

Eu nasci na Praia Grande. Digo Casqueiro porque é lá na Praia Grande. A praia grande é o seguinte: na época tinha cinco lotes. Bom, primeiro Mupeva – é lá no final da Praia Grande. É onde nasceu minha mãe, meu avô. Depois vem a Costa Grande, onde tem o Ervino hoje. Costa Grande. Depois vem Morrete, onde eu nasci pra cá um pouco. Depois Casqueiro. Onde tem cemitério, tem igreja. E aí vem o final que chamam Pedras Altas (Seu Maneca).



*Figura 3: Seu Maneca (Fonte: Arquivo pessoal).*

Seu Maneca tinha aquele território mapeado: recordava-se dos nomes antigos e hoje desconhecidos para lugares que atualmente são ocupados apenas por vegetação secundária. A experiência como morador de um destes lugares, com pequenos detalhes cotidianos, de sobrevivência e manutenção da vida, foi compartilhada por ele:

Eles plantavam mandioca, que era o forte. Farinha, melancia, feijão, abóbora, catutu, batata, aipim, amendoim. Plantavam muito. Trabalhavam na agricultura e em 43 engenhos de farinha. Pescavam também. Tinha a rede lá, a canoa de pesca. A gente pescava lá na praia Grande. Vim pra cá pequeno, mas meu pai deixou muita roça lá e depois ia lá pra fazer farinha. Ali tinha muito engenho. Agora é só ruína. Ah, isso faz muito tempo, minha filha. Até 60 tinha alguma coisa lá. Aí começaram a morrer e os que não morreram saíram. Tem um bocado em Joinville, tem um bocado em São Francisco. Trabalhei na roça no Casqueiro até uns 15 anos, na pescaria até os 20 anos, aos 18 fui pro exército, fiquei dez anos em Joinville, trabalhei em 4 indústrias e por 17 anos na pesca artesanal e depois montei um bar que tenho há 42 anos. Naquele tempo, não tinha o que tem hoje, tudo diferente. Lá tinha um homem chamado Leocádio, era o inspetor de quarteirão. Leocádio Dias de Oliveira. Deve ter lá no Cemitério a cruz ainda, no Casqueiro (Seu Maneca).

Durante a conversa, mostramos, ao Seu Manoel, as fotos das ruínas produzidas no dia anterior, durante a visita ao Parque, o que possibilitou restituir as presenças do que hoje se apresenta como mero ruído sobre a superfície do parque. Os rastros de um cemitério (Figura 4), que Seu Maneca acredita ter mais de 300 anos, foram visibilizados por ele, a compor o cenário do local dos mortos junto às cruzes de madeira em uma área aberta, algumas delas coloridas, outras com flores deixadas recentemente, a evidenciar que a memória daquele lugar e dos entes queridos que ali jazem sobrevivem para outras pessoas além de nosso narrador. Esses rastros faziam recordar vidas e modos de viver e de morrer não mais presentes, mas ainda rememorados e preservados por alguns anônimos que os mantêm.



*Figura 4:* Cemitério do Casqueiro (Fonte: Arquivo pessoal).

As cruzes do cemitério do Casqueiro, à primeira vista, poderiam ser apenas um pedaço de construção insignificante em meio à mata, mas Seu Maneca ajuda a tecer outras considerações sobre a imagem produzida:

Eu tenho a fotografia da igreja de lá. Dia 20 de janeiro de 52, foi feito um batismo lá, naquele tempo. O bispo era o... ele tá na fotografia... É de Joinville. Primeiro bispo de Joinville. Dom Ladislau Crauser. Isto ninguém sabe! Só eu. E foi uma grande

feita e o povo ali reunido. A igreja foi construída em 34. E durou até 62, por aí. E o padroeiro era São Sebastião. O povo ali vivia muito. Comia farinha de mandioca e peixe. Arroz. Arroz era o que plantava, era aquele natural. Não tinha veneno. Lá não tinha azeite, era banha de porco. O peixe frito com banha de porco é muito mais gostoso que com azeite. Ali no Casqueiro tinha muito negro. Eles ali foram libertados, os escravos, eles ficaram livre né... Mas continuaram a trabalhar pros brancos. Lá na Costa Grande, onde é o Ervino hoje, ali na época um governo deu uma área de 300 metros de frente até o rio para os negros trabalharem. Eles continuaram a trabalhar pros brancos porque não tinha como começar nada. Começaram só de enxada. Mas eu conheci escravo ainda, eu conheci o João Maria, Cândido Mateus, a Paula. Tudo falecido, mas tem neto por aí (Seu Maneca).

Seu Maneca exibiu com orgulho a foto exclusiva de 1952, por ele cedida ao Parque, que confeccionou uma placa para explicar aos visitantes alguns significados daquela ruína. Nessa placa, consta a informação de que ali havia uma comunidade organizada em torno de igreja, escola, comércio e residências (Figura 5 e 6). E que a igreja original, datada do século XVIII, teria sido reerguida em 1934 com os mesmos pilares.





*Figura 6:* Ruínas da Igreja (Fonte: Arquivo pessoal).

Ao rever a fotografia da Igreja (Figura 7), Seu Maneca evidencia protagonistas de uma história: a sua e a de outros da cidade. O ato de recolher e preservar esses insignificantes objetos tem caráter inventivo e criativo. São objetos que contam memórias a se reconstruir, restituir, e que nos auxiliam a questionar sobre um futuro desconhecido. Funciona a produção de memórias, nesse caso, como um dispositivo de imaginação do insignificante e produz estratégias políticas e reconfigurações em nível local (ABREU, 2012).



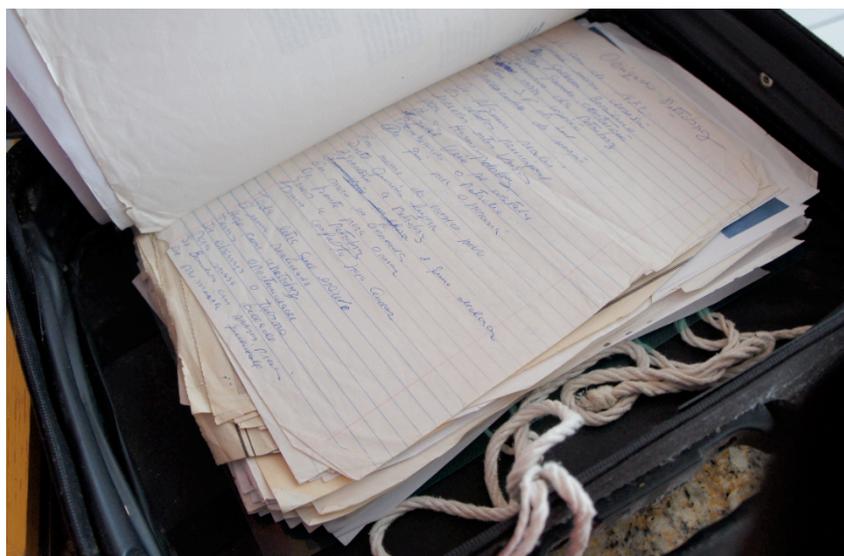
*Figura 7: Foto da Igreja na Comunidade do Casqueiro*

A uma pergunta sobre aquilo de que ele mais tinha saudade na época do Casqueiro, Seu Maneca respondeu sem muito pensar: “Mais é das roças, né. Do trabalho na roça. Depois a farinhada, que a gente fazia bastante farinha. Aquela comida simples, batata assada... No fogo. Nem a lenha, era só fogo no chão!”.

Com a conversa, seu Maneca traz à tona as experiências ordinárias, as vivências que o constituíram, o modo como se plantavam os grãos, como se fazia a farinha ou se cozinhava. Essas lembranças o conectam, de um lado, a um tempo e a um lugar que se fazem presentes na produção da memória e, de outro lado, a um sentimento de identidade, conferindo sentidos às relações entre passado, presente e futuro. Pois a história, como afirma Eduardo Galeano, “é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será” (GALEANO, 2010).

### **O POETA POPULAR**

Em meio à conversa, Seu Maneca revelou que se intitulava “poeta popular” e apresentou orgulhoso um patrimônio guardado em uma pasta (Figura 8): mais de 625 poemas escritos.



*Figura 8:* Pasta com poemas de Seu Maneca (Fonte: Arquivo pessoal).

Ali também a fotografia da igreja e outras imagens da sua história eram protegidas. “Eu sou repentista. Eu faço verso na hora. Eu pego microfone, aí pode tá cheio de doutor, eu faço e qualquer um entende. Não erro um verso”. E então, declamou alguns que ainda não tinham sido escritos, nem esquecidos, e que aqui são transcritos:

São Francisco do Sul abençoada, terra querida onde eu nasci.  
Se eu for embora pra outra cidade, levo saudades, São Chico, de ti.  
Temos um grande porto de mar.  
Temos também uma linda baía.  
E bem no centro da cidade, uma igreja histórica,  
onde o povo visita todos os dias.  
Praias balneárias temos diversas, sem poluição, com água corrente.  
E desse grande Brasil, coração.  
Quando chega o verão, se enche de gente!  
cidade histórica e povo bom, beleza natural que Deus criou.  
A poluição tá cobrindo o mundo, mas em São Francisco não chegou.  
E eu me orgulho de ser francisquense, unidos somos e temos coragem.  
E esse verso querido feito,  
e com todo respeito fiz essa homenagem.

Nasci na Praia Grande.  
Fiz essa letra pra matar minha saudade,  
da Praia Grande lugar onde eu nasci,  
é um pedacinho de São Francisco do Sul.  
E também um pedacinho do Brasil.  
e... os pilares da igreja estão lá,  
pra provar que existia,  
um grande vilarejo onde muita gente vivia.  
O cemitério também existe, tá na ponta do Casqueiro,  
onde tá enterrado, bastante brasileiro.  
Assim, fica a saudade do meu coração,  
da vida do Casqueiro  
e da grande população.

Com base no que ouvimos e com a consulta ao seu acervo, podemos dizer que a poesia de Seu Maneca, criada por meio de versos recitados, muito se aproxima daquela dos poetas populares cordelistas, cantadores e repentistas, pois apresenta características ou traços da poesia popular narrativa. De acordo com Abreu (1999), a narratividade tem, entre os seus parâmetros, o vocabulário de fácil compreensão, a espontaneidade e os enredos bem articulados que favorecem a receptividade do ouvinte menos acostumado.

Assim como propõe Zumthor (1997), o poeta popular lança mão de um discurso redundante, claro e inteligível, para um público composto por pessoas cujas relações se dão por meio de códigos culturais transmitidos fundamentalmente de maneira oral.

Compreendida desse modo, a literatura popular se apresenta como criação de um narrador, de um sujeito comum, com experiências particulares, com suas práticas e modos de sentir o lugar onde vive.

O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. Para Benjamin os grandes narradores eram o velho artesão, que conhecia as tradições da aldeia, o marinheiro, que narrava suas experiências adquiridas em viagens. O narrador sempre impunha sua marca pessoal em suas histórias. A narrativa basta-se em si mesma e dispensa esforço por parte do narrador para explicar o acontecimento narrado. A audiência é livre para interpretar a história como quiser. É isso que marca a narrativa, o intercâmbio de experiências (GONÇALVES, 2003, p. 176).

Assim como tantos outros narradores anônimos, Seu Maneca apoia-se em maneiras de fazer e de viver plurais, orgulha-se de pequenos sucessos e pratica performances narrativas que se alicerçam nas lembranças de suas vivências junto a uma comunidade que resiste aos presságios do tempo. São memórias que testemunham a presença de populações e modos de vida outros na história do município de São Francisco do Sul, não só aqueles patrimonializados no centro histórico. São ruínas que se apresentam como cicatrizes no solo de um lugar que foi um dia habitado, cultivado, revolvido. As suas narrativas estão repletas de poéticas da nostalgia de uma paisagem perdida e idealizada, de um tempo e espaço outro; são importantes na medida em que produzem ressarcimento de histórias de vidas e de coletividades que, de alguma forma, dizem de exclusões e apagamentos ao longo da história. (PADIGLIONE, 2010). Ressarcir diz respeito a restituição às comunidades que tiveram rapidamente suas histórias excluídas, precocemente depredadas, abandonadas em zonas marginais. São, pois, as narrativas orais, as fotografias e as poesias de seu Maneca, importantes dispositivos para a restituição da memória da comunidade do Casqueiro, memória que, com tantas outras, se apresenta como condição para a imaginação de uma nova existência para lugares abandonados e saberes esquecidos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No processo de produção da memória, não existe um só sujeito narrador, um personagem, uma perspectiva: ao contrário do que se apresenta como discurso hegemônico nos registros históricos e nos discursos sobre um determinado lugar, existem várias versões que coexistem, ainda que várias delas se apresentam somente como ruínas, como meros rastros e restos de vidas outras. Perscrutar esses rastros e restos, ouvir os testemunhos de presenças outras na tessitura dos lugares, indica um cuidado com a memória que se apresenta como tarefa ética e política para várias áreas do conhecimento: ao preservar a memória, salva-se o esquecido, resgatam-se tradições e esclarece-se o presente (GAGNEBIN, 2009, p. 97).

Seu Maneca apresenta um novo olhar para os lugares de memória de São Francisco do Sul, por meio de suas narrativas orais, de suas fotografias e poesias. Contribui com o processo de restituição de sentidos às histórias sobre o lugar e reconstrói imagens esquecidas de um passado que se apresentava como meros restos esquecidos em um local de pouca visibilidade. Com ele e tantos outros personagens anônimos, atos, experiências, fatos, objetos, sentimentos, palavras, imagens vêm do passado e se agregam ao presente,

assumindo um corpo novo. Os testemunhos, os objetos, as fotografias, as poesias constituem-se como memória viva a afirmar a importância das narrativas e dos narradores, bem como de pesquisas que, no seu esteio, visibilizem existências esquecidas. As poesias produzidas por Seu Maneca carregavam a sabedoria que resulta da experiência encarnada e os afetos de um modo de vida progresso que ainda se faz presente. A leitura e divulgação de seus versos, por sua vez, se afirma como olhar que se volta ao passado investido da aposta em um novo presente; aposta em um modo de pesquisar que busca "escovar a história a contrapelo" (BENJAMIM, 2012, p. 244) através das ruínas e restos de vozes silenciadas e esquecidas.

Consideramos Seu Maneca como um daqueles sujeitos que guardam mundos em pequenas caixas, como o fazem os cronistas descritos por Olavo Bilac, que guardam “alfinetes, fazendas e botões, sabonetes e sapatos, louças e agulhas, imagens de santos e baralhos de cartas, remédios para a alma e remédios para os calos, breves e pomadas, elixires e dedais”. (1996, p. 19). São caixas repletas de pequenas preciosidades que testemunham tempos e modos de vida outros, cuja escuta é condição para a compreensão do nosso presente e sua reinvenção, bem como para a produção de nossos futuros possíveis.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais. In: *Ilha Revista de Antropologia*. V.14, n.1 e 2, p. 17-35, jan. a dez. de 2012.

ABREU, Márcia Azevedo de. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ASSIS, Neiva. *Cidade Polifônica: Indícios de memórias outras na paisagem*. Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016. <https://pergamum.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php>

BANDEIRA, Dione da Rocha. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: arqueologia e etnicidade*. 2004, 272. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000314875>

BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo S. *Por que a cidade? Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade*. Niterói, Editora da UFF, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 6ª. Edição.

BARROS, João Paulo Pereira. Constituição de “sentidos” e “subjetividades”: aproximações entre Vygotsky e Bakhtin. *ECOS Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. 1 (2), 2012. <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/724>

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 8a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BILAC, Olavo. *Vossa Insolência*. Crônicas de Olavo Bilac. Organização de Antônio Dimas. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BRASIL, 1961. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. *Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm)

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Antropologia e leitura no século XX. RJ. Ed UFRJ, 2002

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE – FATMA. *Parque Estadual Acaraí*. Disponível em: <http://www.fatma.sc.gov.br/conteudo/parque-estadual-acarai>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever, esquecer*. São Paulo: Editora34, 2009 (2ª. Edição)

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaio sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora34, 2014.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. L&PM, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs). *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. *São Francisco do Sul (SC)*. Fontes: Arquivo Noronha Santos/Iphan e IBGE. 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/398/>

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2004.

MASJ - MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE. Institucional. Disponível em: <http://museusambaqui.blogspot.com.br/p/historia.html>.

PADIGLIONE, Vincenzo. *Poetiche dal Museo Etnografico*. Spezie Morali e kit di Sopravivenza. Bologna, Italia: Editrice la Mandragora, 2010.

SANTA CATARINA. *Decreto nº 3.517*, de 23 de setembro de 2005. Cria o Parque Estadual Acaraí e dá outras providências. Governo de Santa Catarina. Disponível em: [http://www.fatma.sc.gov.br/images/stories/educacao%20ambiental/decreto\\_3517\\_parque\\_acara.pdf](http://www.fatma.sc.gov.br/images/stories/educacao%20ambiental/decreto_3517_parque_acara.pdf). Acesso em: 2 de junho de 2013..

SAWAIA, Bader B. O Calor do Lugar – segregação urbana e identidade. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v.9, n.2, p.20-24, 1995.

SENNETT, R. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis – 2ª. Edição – Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, July 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso)

VYGOTSKI, L. S. *Pensamiento y Palabra*. Obras Escogidas II. Madri: Visor, 1992. (Trabalho original publicado em 1982).

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997

*Recebido em 31/10/2016*

*Aprovado em 19/12/2016*